

# Corporeidades brincantes em oficina: o que pode o samba e o carnaval?<sup>1</sup>

Jumping corporeities in the office: what can the samba and the carnival? // Corporeidades saltantes en la oficina: ¿qué pueden hacer la samba y el carnaval?

**Cintia De Assis Ricardo Da Silva<sup>2</sup>**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro/  
cintia03assis@yahoo.com.br  
Faculdade de Formação de Professores (UERJ-FFP)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8323-1685>

**Daniele Abreu Migon<sup>3</sup>**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)  
migon.danieleabreu@gmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0894-6979>

**Dinah Teba Da Silva<sup>4</sup>**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro/  
dinahteba@gmail.com  
Faculdade de Formação de Professores (UERJ-FFP)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9088-5150>

Recibido: abril 30, 2025

Aceptado 12 de septiembre de 2025



**Como citar:** Almeida, F. de S., & de Araújo, L. Á. J. C. (2026). Corporalidades cênicas brincantes nas artes da cena para crianças. *CorpoGráfias: Estudos críticos de y desde los cuerpos*, 13(13), pp. 24-31  
DOI: <https://doi.org/10.14483/25909398.23576>

<sup>1</sup> Artigo de pesquisa artística, cultural, social, científica ou tecnológica

<sup>2</sup> Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação (stricto sensu) da UERJ/FFP- Processos Formativos e Desigualdades Sociais (2015). Possui graduação em Educação Física pela Universidade Castelo Branco (2007), graduação em Pedagogia pela UERJ (2000); Pós Graduação- Especialização em Educação Física Escolar pela UFF (2011) e em Dificuldades de Aprendizagem: Prevenção e Reeducação pela UERJ. Docente da disciplina Educação Física nos anos iniciais, do Colégio Pedro II, Campus Realengo I. É membro do Grupo de Pesquisa Educação Física Escolar; Experiências Lúdicas e Artísticas; Corporeidades (ELAC), do Instituto de Educação Física (IEF) da UFF (2010- Atual). Pesquisadora do Grupo de Pesquisas em Ensino, Aprendizagem, Interdisciplinaridade e Inovação na Educação- GEPEAIINEDU/CPII e do Laboratório de Criatividade, Inclusão e Inovação pedagógica- LACIIPED/CPII (2017- Atual), ambos vinculados à Pró-Reitoria de Pós-graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II. Pesquisa democracia, cotidiano escolar, corporeidades, infâncias e docência.

<sup>3</sup> Possui graduação em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2002). Atualmente é professora na Secretaria Municipal de Educação/RJ, com Mestrado em Educação em andamento (Processos Formativos e Desigualdades Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Brasil; orientadora: Rosa Malena de Araújo Carvalho).

<sup>4</sup> Graduada em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ. Colaboradora do Núcleo de Antropologia e Imagem da UERJ. Atuando principalmente nos seguintes temas: antropologia visual, patrimônio imaterial. Atuou como Docente I pela Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro, ministrando aulas de Sociologia para o Ensino Médio.

## Resumo

O presente texto é um recorte de uma oficina apresentada no Encontro Latino-Americano, que ocorreu em novembro de 2024 em Minas Gerais, Brasil. Esse encontro se organizou a partir da seguinte questão: o que pode o samba e o carnaval? Sobre o samba, já se sabe que suas origens se deram no Brasil entre os Estados da Bahia e do Rio de Janeiro, e extrapola essas fronteiras. A partir da pergunta, com atividades brincantes e dançantes, o coletivo conversou sobre suas experiências e memórias com o samba e o carnaval, elementos presentes na história, memória e cultura do Brasil, especialmente no Rio de Janeiro. Trouxemos música, vídeo, textos imagéticos, instrumentos musicais e elementos que compõem o cotidiano das escolas de samba, como camisas. Teve como um dos objetivos refletir acerca das corporeidades negras e o letramento racial presente no samba e no carnaval; e promover vivências com essa festa popular.

## Palavras-chave

Carnaval; Corporeidades; Democracia; Letramento racial; Samba.

## Resumen

Este texto es un extracto de un taller presentado en el Encuentro Latinoamericano, que tuvo lugar en noviembre de 2024 en Minas Gerais, Brasil. Este encuentro se organizó a partir de la siguiente pregunta: ¿qué pueden hacer la samba y el carnaval? Respecto a la samba, ya se sabe que sus orígenes están en Brasil entre los estados de Bahía y Río de Janeiro, y va más allá de esas fronteras. A partir de la pregunta, con actividades lúdicas y de baile, el grupo habló sobre sus vivencias y recuerdos con la samba y el carnaval, elementos presentes en la historia, memoria y cultura de Brasil, especialmente en Río de Janeiro. Trajimos música, vídeos, textos visuales, instrumentos musicales y elementos que componen la vida cotidiana de las escuelas de samba, como las camisetas.

Uno de los objetivos fue reflexionar sobre las corporeidades negras y la alfabetización racial presentes en la samba y el carnaval; y promover experiencias con esta fiesta popular.

## Palabras clave

Carnaval; Corporeidades; Democracia; Alfabetización racial; Samba.

## Abstract

This text is an excerpt from a workshop presented at the Latin American Meeting, which took place in November 2024 in Minas Gerais, Brazil. This meeting was organized based on the following question: what can samba and carnival do? It is already known that samba originated in Brazil between the states of Bahia and Rio de Janeiro, and it goes beyond these borders. Based on this question, through playful and dancing activities, the group talked about their experiences and memories with samba and carnival, elements present in the history, memory and culture of Brazil, especially in Rio de Janeiro. We brought music, videos, visual texts, musical instruments and elements that make up the daily life of samba schools, such as shirts. One of the objectives was to reflect on black corporealities and the racial literacy present in samba and carnival; and to promote experiences with this popular festival.

## Keywords

Carnival; Corporealities; Democracy; Racial literacy; Samba.

## Introdução

O presente texto é a materialização, através da escrita, do diálogo de três professoras que atuam em escolas de Educação Básica, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, pesquisadoras atravessadas pelo mesmo tema, a corporeidade, e que juntas construíram e apresentaram a oficina intitulada: Corporeidades e Democracia: o que pode o samba e o carnaval?

A oficina foi vivenciada no V Encontro Latino-Americano de Investigadores (as) sobre Corpos e Corporalidades nas Culturas, que ocorreu em novembro de 2024 em Minas Gerais, Brasil. Nossa proposta foi um encontro com atividades brincantes e dançantes, com ênfase no samba, elemento presente na história, memória e cultura do Brasil, especialmente no Rio de Janeiro.

A atividade foi atravessada por música, vídeo, textos imagéticos, instrumentos musicais e elementos que compõem o cotidiano das escolas de samba, como camisas com visualidades de escolas de samba. Teve como um dos objetivos refletir acerca do das corporeidades negras a partir do letramento racial presente no samba e no carnaval; e promover uma vivência do samba.

Compreendemos que o Carnaval no Brasil, tem o samba como elemento principal em alguns estados como, Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo. Destacamos alguns apontamentos referentes ao samba e carnaval no Rio de Janeiro, pois é o local onde atuamos como professoras. Nesse sentido o carnaval é

Período de festivais ou festas profanas de origem religiosa, registrado em diversas culturas arcaicas, inclusive africanas. No Brasil, originário do calendário católico, manifesta-se em duplo aspecto: dionisíaco (folia) e apolíneo (espetáculo). Externando essa duplicidade, o samba está presente no Carnaval carioca desde antes da criação da primeira escola de samba, instituição que, nascida dos segmentos mais desfavorecidos, acabou por tornar-se, no contexto sócio-histórico da sociedade de consumo, o ponto mais artístico e espetacular da festa carnavalesca no Rio de Janeiro. (Lopes e Simas, 2023, p. 54-55)

Destacamos o samba enquanto elemento da cultura negra, que com suas expressões (dança, música, voz, arte, visualidades) tem

produzido e socializado cultura, oportunizando fortalecimento das corporeidades negras a partir de letramento racial e robustecendo processos formativos. Esses processos têm contribuído para a ampliação do campo democrático, pois possibilitam questionar o instituído e levantar táticas de enfrentamento das desigualdades sociais, a partir de alguns princípios que são caros à democracia, como a informação, o debate, a memória e a “história que a história não conta” (G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira, 2019).

No decorrer da oficina foram realizadas atividades em duplas, grupos pequenos e com o coletivo de todos/as os/as participantes, sendo possível observar a forma acolhedora da interação. Os diálogos e debates foram constantes durante o processo de imersão que ao final trouxe depoimentos sobre as possíveis reverberações dessa vivência nos cotidianos dos/as presentes.

## Escolhas das pesquisadoras

Ao pensar em América Latina não há como ignorar as heranças do colonialismo. Povos e culturas subalternizadas e desmaterializadas pelas relações eurocêntricas que por muitos séculos fortaleceram nesses espaços sua hegemonia pela invasão e barbárie. Entretanto, na memória dessas relações latino-americanas com as europeias, de saques, lutas, genocídios e exploração, tem também a história não contada, que é o avesso desse mesmo lugar que se encontra apenas na (re)existência.

Nesse sentido, a oficina no V Encontro Latino-Americano de Investigadores(as) sobre Corpos e Corporalidades nas Culturas escolheu trazer sangue retinto pisado nessas terras, o tambor da África, os heróis tamoios, mulheres e mulatos, um país que não tem sido retratado para uma reflexão contemporânea que considera e resiste aos perigos do agora se fortalecendo com as narrativas embaçadas do passado a partir da seguinte questão: o que pode o samba e o carnaval? Vale ressaltar que no Brasil, e especificamente no Rio de Janeiro, o samba, “gênero-síntese (...) de um sistema genealógico e semiótico: a cultura negra” (Sodré, 1998, p. 35), possui o potencial para fortalecer as

corporeidades negras no mundo do carnaval, das escolas de samba, e também do cotidiano escolar.

O Atabaque é um instrumento central para o samba, o carnaval, as práticas culturais de matriz africana. O tambor, feito com madeira aquecida e aros de ferro que sustentam e esticam o couro, promove nas rodas de samba, na religiosidade, na capoeira, composições musicais, poéticas e danças capazes de evocar memórias e experiências que provocam debater a existência a partir de movimentos cotidianos como cantar, comer, sambar, desfilar e aprender buscando caminhos e conhecimentos com base na democracia e na memória no e com o Carnaval.

E os toques são fundamentais para considerar as notas dos quesitos bateria, harmonia, samba-enredo e enredo das mãos. Mãos que quando tocavam em um passado bem recente, no Brasil, recebiam nos punhos algemas pois o samba era sinônimo de vadiagem, criminalizado, mas, hoje, explode corações, na maior felicidade (G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro, 1993). É lindo! E por isso, esse tambor, essa entidade materializada de luta e força acompanhou, sonoramente, todas as propostas da oficina. Compreendemos que

Fruto de uma capacidade de reinvenção diante da crueldade da escravidão, a música teria sido uma saída eficaz para que negros e negras expressassem, à margem de uma oficialidade letrada e territórios simbólicos erguidos à revelia de suas condições sociais, suas visões e elaborações próprias de mundo. (Natal, 2022, p. 21)

Assim como as batidas do coração, os toques do tambor, do atabaque e dos outros instrumentos musicais presentes nas baterias das escolas de samba, são disparadores de memória ancestral e possibilidade de compartilhar o comum, os modos de vida trazidos na bagagem corporal em diálogo com o cotidiano que se apresentava, e continua na atualidade, operando nas vidas dos praticantes culturais. Essas batidas em modo musical deram e dão suporte à vida, sendo frestas, saídas para expressão de mundo, mediante as condições sociais adversas, que são muitas vezes atravessadas pela lógica neoliberal.

## Caminhos da oficina

Em qualquer caminhada cabe conhecer os/as companheiros/as de jornada. Então, a oficina tem início contextualizando e conhecendo os sujeitos, as histórias, o espaço. Uma imersão pela sala como uma exposição repleta de fotografias, adereços, fantasias, instrumentos, livros, letras de samba. Liberdade de explorar a estética, sons, cores, rimas do carnaval carioca.

Posteriormente, os/as participantes desenvolveram uma longa apresentação em que trouxeram para o grupo as motivações para estarem presentes na oficina. Depois, registraram em folhas de papel uma pergunta sobre o/s sentido/s do Carnaval, Corpo e Samba escritas a lápis. Uma escolha proposital, pois no candomblé, na umbanda e no espiritismo, acredita-se que, ao escrever com lápis, a energia é canalizada para o que deseja alcançar, para a manifestação da intenção.

A conversa fluiu sobre o Carnaval na América Latina, com ênfase no Brasil. Um círculo de trocas entre brasileiros mineiros, paulistas, cariocas, baianos, além de ouvir *hermanos* chilenos e argentinos. Dialogando ainda sobre as tessituras dos carnavais e danças que passaram pelo Haiti, Estados Unidos da América, e que no Brasil deixam significativos entrelaçamentos de existências que culminam na primeira lei antirracista no Brasil. A Lei Afonso Arinos, também conhecida como Lei n. 1.390, de 3 de julho de 1951. Essa lei tornou contravenção penal a prática de atos resultantes de preconceitos de raça ou de cor.

O caminho seguiu para as vivências da prática corporal dança. Nesse momento, uma sequência de propostas. Primeiro, a brincadeira “Quem começou?”, que consiste em um/a participante sair do círculo e se afastar por alguns instantes, estando esse sujeito ausente, o grupo escolhe outro/a participante, que está no círculo com os outros, para fazer movimentos que serão repetidos pelo grupo. Quem saiu, ao voltar, tenta identificar qual participante está iniciando os movimentos que todos da roda imitam. Iniciamos com o som do atabaque, e depois realizamos os movimentos com música.

Continuou com a brincadeira do espelho (com som de atabaque). Em duplas ou trios, cada participante dança como

desejar e o/a outro/a participante segue, fazendo de maneira similar. Os grupos (duplas, trios) vão adicionando outros muitos movimentos que fazem sentido para eles. E ainda, foi possível experimentar o passo a passo do samba no pé. Antes, cada participante se permitiu expressar movimentos conhecidos do samba, ou outros assistidos ou específicos no samba carioca.

O final do encontro foi com uma grande roda de samba tocando com os chocalhos construídos com materiais reutilizáveis (garrafas, potes com tampas, copos, entre outros), fitas e milho com o samba da Mangueira do ano de 2019. E a finalização da oficina contou ainda com diálogo acerca das possibilidades de reverberação no cotidiano de cada participante e escrita de uma palavra que contemplasse a avaliação da oficina.

Pensar democraticamente nas possíveis reverberações da oficina é compreendê-la como movimento de letramento crítico e letramento racial, que é parte do direito ao acesso à história, aos saberes ancestrais, que condiz com um processo formativo para os direitos humanos, pois

A educação consegue dar às pessoas maior clareza para “lerem o mundo”, e essa clareza abre a possibilidade de intervenção política. É essa clareza que lançará um desafio ao fatalismo neoliberal [...], se nos deixarmos levar pelo engodo dos discursos econômicos neoliberais, que afirmam ser inevitáveis as realidades da falta de moradia ou pobreza, então as oportunidades de mudanças tornam-se invisíveis e o nosso papel enquanto fomentadores de mudança passa a se ocultar [...]. Como seres humanos, não resta dúvida de que nossas principais responsabilidades consistem em intervir na realidade e manter nossa esperança (Freire, 2001, p. 36).

Ao trazer samba e democracia para a roda de debates propostos pela oficina, compreendemos a importância de afirmar nosso papel de professoras pesquisadoras que se debruçam para refletir e agir, afetadas pelo argumento do esperar (Freire, 2024), intervindo na realidade de mãos dadas com a arte e com os vários cotidianos habitados.

## **Corporeidades na Cultura em Democracia**

No Rio batuqueiro  
Macumba o ano inteiro  
Não nego meu valor, axé  
Gingado de malandro  
Kizomba e capoeira  
Caxambu e jongo, fé na rezadeira  
Tempero de laiá, não tenho mais, sinhô  
E nunca mais, sinhá  
Sambo pra resistir  
Samba meus ancestrais  
Samba pelos carnavais  
Torrão amado, o lugar onde eu nasci  
O povo me chama assim (canta, Salgueiro!)  
(Samba-enredo Resistência,  
G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro, 2022, RJ)

O Carnaval, festa de procedência europeia, foi ressignificada a partir de coreografias, gestos e danças peculiares da cultura brasileira, com suas raízes afrodescendentes. A musicalidade negra, dos tambores e atabaques, adotada pelos brasileiros, que atravessam essa festa, hoje é reconhecida pelo mundo, contagia e envolve também estrangeiros/as que dela participam.

Corpos sem pecados, descendo dos barracos, cantando alto, os reis e rainhas da avenida, exaltados no “maior espetáculo da Terra”. A arte que surge para comunicar, informar, desobstruir as vozes, corpos, modos de viver, de ser e as histórias dos Brasis de Marielle (vereadora morta por adversários políticos), de Zumbi dos Palmares (um líder do Quilombo de Palmares, o maior quilombo do período colonial), de Mercedes Baptista (primeira bailarina negra do corpo de baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro).

Esses inúmeros modos de manifestação da cultura e da arte traz mensagens portadoras de fatos, pensamentos, sonhos, ideias e sentimentos. A arte depende da sociedade e ajuda a sustentá-la como um corpo (Goodman, 1969).

Nesse sentido, a escrita deste texto traz à superfície os sentidos presentes nas nossas corporeidades de professoras

pesquisadoras e também foliãs interessadas em dialogar em *espaçotempos* diversos como o carnaval, as escolas de samba e os espaços formativos oportunizados pelo evento, e que possibilitou a ampliação de noções e conceitos caros à perspectiva democrática.

Essa nossa formação ultrapassa as paredes das instituições, sendo “mais que um campo inventivo, múltiplo, inacabado, se inscreve também como inventário de diferentes saberes e rotas” (Simas, 2019, p. 14).

Nesses processos formativos, é importante perceber nas corporeidades a inteireza e a incompletude, que acrescida das experiências provocadas pelas perguntas, problematizações e tensões presentes, cotidianamente, nas nossas escolas, no mundo do samba e do carnaval, e nas vidas dos/as participantes da oficina, pois

O samba é um desconforto potente para que o Brasil se reconheça como produtor constante de horror e beleza. É o filho mais duradouro dos tumbeiros, em tudo que isso significa de tragédia, redenção, subversão, negociação, resistência, harmonia, violência, afeto, afirmação de vida e pulsão de morte na nossa história. O samba é a entidade mais poderosa das falanges da rua. (Simas, 2023, p.115)

Carnaval e samba é convite à rua, é afirmação da vida, sentir o mundo. É a expressão das corporeidades, com as marcas atravessadas pela biologia, cultura, sociedade, mundo. Segundo Denise Najmanovich “o corpo não é somente território próprio, é lugar de encontro”, e de ser atravessado pelo outro. Esse corpo é vivencial, com muitas dimensões, é biológico, energético, pessoal e coletivo na perspectiva vincular (Najmanovich, 2001).

O samba, no que se refere ao carnaval e às escolas de samba no Rio de Janeiro, tem peculiaridades e capilaridades que constituem o escopo de possibilidade de ampliação das forças democráticas. Parte dessas peculiaridades dá-se pelos modos com os quais os sujeitos habitam os *espaçotempos* como a rua, as rodas de samba e as escolas de samba. As corporeidades se fazem presentes com marcas que podem ser consideradas ferramentas que representam e anunciam escolhas. A cada ano

as escolas de samba escolhem seus enredos, que permeiam todo o trabalho para o desfile, mas não só, pois atravessam também, cotidianamente, as vidas das pessoas que fazem parte destas escolas.

Ao escolher seu enredo<sup>5</sup>, há a feitura de materialidades impregnadas de visualidades que transbordam os sentidos daquele determinado enredo. As escolas de samba fazem camisas com arte e o título do samba enredo para suas alas, e geralmente são colocadas à venda para os/as visitantes, e disponibilizadas, gratuitamente, para a comunidade, cadastrada previamente. Vestir essa camisa durante os ensaios é afirmar a ideia de comunidade, e vesti-la para ir à rua, para outros eventos além da escola de samba constitui um ato político, pois oportuniza pensar no perfil e na sociabilidade presentes nas andanças pela cidade. Ao partirmos desse modo de ver, é importante compreendermos

as escolas de samba como formas de interação e associação de agentes sociais marginalizados em uma sociedade racista que encontraram nesta forma de organização um espaço de positivar suas vivências e pertencimento. Tornando-se importante polos de interação social essas agremiações carnavalescas e recreativas estabeleceram formas de sociabilidade e de lazer para os seus frequentadores. (Oliveira Junior, 2018, p. 241)

Vestir a camisa e/ou uma fantasia é apostar na alegria estampada nelas, além de apostar na perspectiva, nos fundamentos inscritos naquela escola de samba, que é agremiação, instituição que assegura a forma de ser e estar no mundo de seus frequentadores. Dentre os fundamentos, há o calendário próprio, que vai de um carnaval ao outro, logo o ano civil é segundo plano. O que vale é o que se vive em um ano até o próximo carnaval, e nesse *espaçotempo* há a beleza da presença de outros tantos fundamentos caros ao samba, como o estandarte, as baianas, a velha guarda, casal de mestre sala e porta bandeira.

<sup>5</sup> Tema desenvolvido pela escola de samba nos desfiles competitivos de carnaval. Constitui um dos quesitos ou itens em julgamento.

Ao propormos e vivenciarmos esta oficina no evento, movimentamos forças que implicaram a ampliação de estudos acerca de corporeidade e democracia, tendo o samba como dispositivo que possibilitou deslocamentos. As corporeidades, em especial as negras, nessa perspectiva, são expressão de cultura, arte e luta, de enfrentamento das desigualdades sociais agudizadas pelo avanço conservador na atualidade e, por um passado colonial que, reforçado pelo racismo, tenta apagar a história, a memória e os saberes que constituem a vida.

Pensar corpo a partir do samba é abrir caminhos para sair da lógica do hegemônico. É contrariar as forças políticas, culturais e econômicas que ditam soluções, modos de vida ancorados pelo capitalismo, pela competição e individualismo. O samba, em suas múltiplas capilaridades não está dado. É movimento, é construção, instabilidade.

O deambular do corpo ao sambar não é linear, é impreciso, é conversa corporal que se dá com perguntas. Sempre perguntas, que nem sempre são seguidas de respostas, ao contrário: geram outras perguntas que vão sendo possibilidades de problematização como ameaça ao habitual. Indagar é fundamento na/da perspectiva democrática, pois provoca a ampliação do debate, e o samba tem sido dispositivo que nos convoca a questionar as relações em sociedade, em macro e micropolítica. O samba nos alerta para a necessidade de ampliar ou trocar as lentes para leitura crítica da história, questionando e tensionando as forças que insistem em ditar, em querer afirmar a previsibilidade e respostas às questões existenciais da vida em sociedade.

O samba, há pelo menos cem anos, tem oportunizado pensar em outros modos de tecer a cultura política. Alguns estudiosos e interessados no samba nos trazem olhares para outros possíveis modos de ler e interpretar o mundo, partindo dos cotidianos vivos, e atravessados pelas forças políticas. Nos muitos modos de habitar os cotidianos ‘o corpo em performance nos ritos se mostra como arquivo de memórias ancestrais, um dispositivo de saberes múltiplos que enunciam outras muitas experiências’ (Rufino, 2019, p. 128)

Por este viés, os saberes relacionados ao samba, oriundos de África, referem-se a uma noção de tradição que não é estática, nem linear, pois o conhecimento se fundamenta em entregar algo para que quem receba tenha condições de ser mais um elo na corrente, que é dinâmica, sempre em movimento (Simas, 2019). Pensar a vida em acontecimento, nessa corrente, implica estudar, narrar, escrever, pintar, desenhar, cantar, pesquisar, oficiar, enfim, fazer samba e sambar com o corpo inteiro em condição de letramento crítico, que envolve olhar para os entrecruzamentos das diferenças presentes nas corporeidades e nas relações de poder que hierarquizam sujeitos e temas (Carvalho; Silva, 2025).

O samba, como expressão de arte, é força que nos oportuniza, enquanto corporeidades brincantes e pesquisadoras, assumir o caminho poético, estético e político (Rufino, 2019) em deslocamento, riscando o chão e tensionando nossos processos formativos.

## **Deixa eu te contar a conclusão**

A folia carioca vai além das aparências, das luzes, cantos, danças e fantasias. É original e afeta a capacidade de quem assiste de refletir, pensar e interpretar outras maneiras de ser e estar no mundo. Assistir aos símbolos e metáforas, ouvir ritmos e batucada e na passarela sambar e rebolar, convoca a deixar de lado os preconceitos e criar abertura para as experiências, os fluxos e ligações do que pode o samba e o carnaval.

Um dos participantes emocionado afirmou que o samba o salvou, e sobre essa Arte-Folia Nilza de Oliveira nos ajuda a pensar que:

A tendência das obras de arte na contemporaneidade é voltar-se mais para funções e performances do que para a feitura de objetos. A proposta destas artes é produzir um ambiente de emoção, com o fim de despertar a atitude estética dos expectadores. Uma vez desligada a catarse, a obra de arte deixa de existir. (Oliveira, 1996, p. 113)



Concluímos, provisoriamente, nosso texto, dialogando com arte encharcada de performances que pudemos vivenciar neste evento, em Minas Gerais. Estar na Escola de Belas Artes (EBA), lugar lindo, aberto, convidativo, repleto de cores, e poder compartilhar nossas inquietações e forças foi um movimento formativo que nos oportunizou ampliar o olhar para a vida, para as corporeidades e buscar caminhos mais dançantes, inquietantes e coletivos. Salve a democracia! Salve a arte! Salve o Samba!

## Referências

Carvalho, R. M., & Silva, C. de A. (2025). *Corporeidades dos/das estudantes da EJA e o samba*. En A. P. da Silva, D. Sepúlveda & M. Miranda (Orgs.), *Práticas pedagógicas em Educação Física Escolar* (Vol. 3, pp. 126). São Carlos: Pedro & João Editores.

Freire, P. (2014). *Pedagogia da esperança*. São Paulo: Paz e Terra.

Freire, P. (2001). *Pedagogia dos sonhos possíveis* (A. M. Araújo, Org.). São Paulo: Editora UNESP.

Goodman, N. (1969). *Languages of art*. Oxford University Press.

Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro. (2022). *Enredo: Resistência*. <http://www.salgueiro.com.br/carnaval-2022/>

Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. (2019). *Enredo: História para ninar gente grande*. <https://mangueira.com.br/site/sambas-enredo/>

Lopes, N., & Simas, L. A. (2023). *Dicionário da história social do samba*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Michaelis. (n.d.). *Gringo*. In *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=gringo>

Najmanovich, D. (2001). *O sujeito encarnado: Questões para pesquisa no/do cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A.

Natal, V. (2022). Samba, cidadania e modernismo: Aparando algumas arestas. Samba em *Revista: 1º Encontro Internacional Samba, Patrimônios Negros e Diáspora*, 14(13).

Oliveira Junior, M. C. de. (2018). Carnavalescos e as escolas de samba S/A: Produção simbólica, indústria cultural e mediação. *CSOnline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, (24). <https://doi.org/10.34019/1981-2140.2017.17463>

Oliveira, N. de O. (1996). *Quaesitu: O que é escola de samba?* Rio de Janeiro: Imprensa da Cidade.

Rufino, L. (2019). *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula.

Simas, L. A., & Rufino, L. (2019). *Flecha no tempo*. Rio de Janeiro: Mórula.